

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Assassination of Margaret Thatcher*

Autora: *Hilary Mantel*

Copyright © Hilary Mantel, 2014

Design da capa © HarperCollins Publishers Ltd. 2014

Imagem da capa © Shutterstock

Edição original publicada na Grã-Bretanha em 2014 por Fourth Estate, uma chancela de HarperCollins Publishers

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2015

Tradução: *Beatriz Sequeira*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 387 178/15

1.ª edição, Lisboa, março, 2015

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados todos os direitos

para Portugal e países africanos de expressão portuguesa à
Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

ÍNDICE

Desculpe incomodar	11
Vírgula	37
O QT-longo	55
Férias de inverno	63
Harley Street	73
Delitos contra as pessoas	95
Como é que a irei reconhecer?	109
O coração para sem avisar	137
Estação terminal	155
A Escola de Inglês	165
O assassinato de Margaret Thatcher	199

DESCULPE
INCOMODAR

Naqueles tempos, a campainha da porta não tocava muitas vezes e, quando tocava, eu afastava-me para o interior da casa. Só quando o toque se tornava persistente é que, arrastando os pés sobre a alcatifa, me aproximava da porta de entrada com o seu olho mágico. Estávamos bem guarnecidos de ferrolhos e portadas, trincos e fechaduras embutidas, correntes de segurança e janelas altas com barras. Pelo olho mágico, distingui um homem agitado, envergando um fato engelhado, cinzento-prata: dos seus trinta anos, asiático. Tinha-se afastado da porta e olhava em redor, para a porta fechada e trancada do lado oposto, e para cima, para as escadas de mármore cobertas de pó. Tateou os bolsos, retirou um lenço enrolado numa bola e passou-o no rosto. Tinha um ar tão preocupado que as gotas do seu suor podiam ser lágrimas. Abri a porta.

De imediato ele ergueu as mãos, como se para me mostrar que estava desarmado, deixando cair o lenço como uma bandeira branca.

— Minha senhora!

Eu devo ter ficado lívida, sob a luz que manchava com sombras oscilantes as paredes revestidas a azulejos. Mas, então, ele respirou fundo, alisou o casaco amarrotado, passou a mão pelo cabelo e, como por magia, fez aparecer o seu cartão de visita.

— Muhammad Ijaz. Importação-Exportação. Desculpe incomodar a sua tarde. Estou completamente perdido. Permitiria que eu utilizasse o seu telefone?

Afastei-me e deixei-o entrar. Não tenho dúvidas de que estava a sorrir. Dado o que se seguiu, tenho de supor que estava.

— Claro que sim. Se hoje estiver a funcionar.

Segui à frente, com ele atrás de mim, a conversar; um negócio importante, quase o tinha conseguido fechar, era necessário visitar pessoalmente o cliente, o tempo — puxou a manga para cima e olhou para um relógio *Rolex* de imitação —, o tempo estava a esgotar-se, tinha o endereço — mais uma vez, tateou os bolsos —, mas o escritório não fica onde deveria ser. Falou ao telefone num árabe rápido, fluente e agressivo; de sobrolho carregado, acabando por abanar a cabeça; pousou o auscultador, olhou para ele com ar arrependido e depois para mim, com um sorriso amargo. Não tem uma grande capacidade de argumentação, pensei. Quase podia ser um homem bonito, mas não era: magro, pálido, facilmente vencido.

— Fico a dever-lhe um favor, minha senhora — disse.

— Agora tenho de me apressar.

Queria oferecer-lhe o quê — uma oportunidade para ir ao quarto de banho? Uma pausa para se refrescar? Não fazia ideia de como o verbalizar. As palavras absurdas «lavar-se e refrescar-se» vieram-me à cabeça. Mas ele já estava a dirigir-se para a porta — embora eu tivesse ficado convencida, pela forma como a conversa telefónica terminara, que não deveriam estar com tanta vontade de o receber, lá no seu destino, como ele tinha de falar com eles.

— Esta cidade maluca — disse ele. — Estão sempre a escavar as ruas e a mudá-las de lugar. Peço imensa desculpa por invadir a sua privacidade — no vestíbulo, olhou em seu redor e para o cimo das escadas. — Só os ingleses são capazes

de nos ajudar — atravessou o vestíbulo e, com esforço, abriu a porta exterior, com o seu pesado trabalhado em ferro; deixando entrar, por momentos, o ruído abafado do trânsito de Medina Road. A porta voltou a fechar-se, ele desapareceu. Fechei discretamente a porta que dava para o vestíbulo e mergulhei no silêncio opressivo. O ar condicionado continuou a fazer barulho, como um parente idoso com uma tosse persistente. O ar estava carregado do odor a inseticida; por vezes, eu pulverizava-o enquanto andava e ele ia caindo à minha volta como uma névoa brilhante, um véu. Voltei a pegar no meu manual de conversação e na cassete, Lição Cinco: *Estou a viver em Jeddah. Hoje, estou ocupada. Que Deus lhe dê força!*

Quando o meu marido chegou a casa, ao final da tarde, disse-lhe:

— Veio cá um homem que estava perdido. Paquistânês. Um homem de negócios. Deixei-o entrar para telefonar.

O meu marido não disse nada. O ar condicionado continuava a fazer barulho. Ele entrou no chuveiro, depois de ter expulsado as baratas. Saiu, a pingar, despido, deitou-se na cama, a olhar fixamente para o teto. No dia seguinte, deitei o cartão de visita no caixote do lixo.

À tarde, a campainha voltou a tocar. Ijaz tinha voltado, para se desculpar, para se explicar, para me agradecer por o ter salvado. Preparei-lhe café instantâneo e ele sentou-se e falou-me da vida dele.

Estávamos em junho de 1983. Há seis meses que eu vivia na Arábia Saudita. O meu marido trabalhava para uma empresa de geólogos consultores sediada em Toronto e tinha sido destacado pela empresa para o Ministério dos Recursos Minerais. A maioria dos colegas dele estavam alojados em condomínios familiares de tamanhos variados, mas os homens solteiros e os casais sem filhos, como nós, tinham de

aceitar o que estivesse disponível. Este era o nosso segundo apartamento. O solteiro americano que o ocupava antes tinha sido desalojado à pressa. No andar de cima, neste prédio de quatro apartamentos, vivia um funcionário público saudita com a mulher e o bebê; o quarto apartamento estava vago. No rés do chão, do lado oposto do vestíbulo, vivia um contabilista paquistanês que trabalhava para um ministro do governo, tratando-lhe das finanças pessoais. Ao encontrar as mulheres, no vestíbulo ou nas escadas — uma toda vestida de preto, da cabeça aos pés, a outra parcialmente tapada com um véu —, o homem solteiro animara a vida delas, gritando: «Olá!» Ou possivelmente: «Passou bem?»

Não havia qualquer sugestão de outra impertinência. Mas tinha sido apresentada uma queixa, e ele desapareceu, e quem foi viver para lá fomos nós. Pelos padrões sauditas, o apartamento era pequeno. Tinha uma alcatifa bege e papel de parede branco com um padrão levemente ondeado, quase impercetível. As janelas estavam cobertas por pesadas portadas de madeira, que se baixavam rodando uma manivela no interior. Mesmo com as portadas abertas, a casa era sombria e eu precisava de manter as lâmpadas fluorescentes acesas todo o dia. As divisões eram separadas umas das outras por portas de madeira escuras, pesadas como tampas de caixões. Era como viver numa agência funerária, com amostras empilhadas à nossa volta e insetos oportunistas a fritarem-se a si próprios nas lâmpadas.

Tinha um diploma de uma Escola de Gestão de Miami, disse Ijaz, e a sua área de atividade, a principal área de atividade, no momento, era a água engarrafada. Conseguira fechar o negócio, no dia anterior? Ele foi evasivo — era evidente que não havia nada de simples no assunto. Agitou a mão — era preciso tempo, tempo.

Eu ainda não tinha feito amigos na cidade. A minha vida social, enquanto tal, centrava-se em casas particulares; não havia cinemas, teatros ou salas de conferências. Havia campos de jogos, mas as mulheres não os podiam frequentar. Não eram permitidas «reuniões mistas». Os sauditas não se misturavam com os trabalhadores estrangeiros. Encaravam-nos com sobrançeria, como males necessários, apesar de os expatriados brancos, que falavam inglês ocuparem o topo das hierarquias. Os outros — Ijaz, por exemplo — eram «Nacionais de Países Terceiros», um rótulo que os expunha a todo o tipo de truculências, insultos e complicações diárias. Os indianos e os paquistaneses trabalhavam em lojas e em pequenos negócios. Os filipinos trabalhavam na construção. Os originários da Tailândia varriam as ruas. Os iemenitas, de barba, sentavam-se no exterior das lojas fechadas, com as saias levantadas, as pernas peludas expostas e as chinelas a milímetros dos carros que circulavam a grande velocidade.

Eu sou casado, disse Ijaz, com uma americana, tem de a conhecer. Talvez, disse ele, talvez possa fazer alguma coisa para a ajudar, percebe? O que eu imaginava, na melhor das hipóteses, eram as combinações habituais de Jeddah, de casais obrigados a estar juntos. As mulheres não tinham qualquer possibilidade de se deslocarem nesta cidade; não tinham carta de condução e só as mais abastadas tinham motoristas. Por isso, os casais que queriam frequentar as casas de outras pessoas tinham de o fazer em conjunto. Não imaginei que Ijaz e o meu marido fossem tornar-se amigos. Ijaz era demasiado inquieto e nervoso. Ria-se por tudo e por nada. Estava sempre a torcer o colarinho e os pés, nos seus sapatos estilo Oxford gastos, sempre a tocar no *Rolex* de imitação, sempre a pedir desculpa. O nosso apartamento fica perto do porto, disse ele, vivo com a minha cunhada e o meu irmão, mas ele acabou de voltar para Miami, e a minha mãe está cá, em visita, e a

minha mulher da América, o meu filho e a minha filha, de seis e oito anos. Retirou a carteira do bolso e mostrou-me um rapazinho com um ar estranho e uma cabeça pontiaguda.

— É o Saleem.

À saída, agradeceu-me novamente por o ter deixado entrar em minha casa. Porquê, perguntou, poderia ser uma pessoa qualquer. Mas os ingleses não têm o costume de pensar o pior de estranhos que lhes pedem ajuda. À porta, deu-me um aperto de mão. É isso, pensei. Parte de mim pensou: é bom que seja.

Porque estávamos sempre a ser observadas: vigiadas, sem sermos propriamente vistas, reconhecidas. A minha vizinha paquistanesa, Yasmin, para ir do meu apartamento ao dela, cobria o cabelo ondulado com um lenço, espreitava para a área que rodeava a sua porta; atravessava o vestíbulo aos saltinhos, com pequenos movimentos nervosos, a cabeça voltada para um lado e para o outro, para o caso de alguém escolher esse preciso momento para transpor a pesada porta da rua. Por vezes, irritada com a poeira que o vento soprava por baixo da porta e que se acumulava no mármore, eu saía para o vestíbulo com uma vassoura comprida. O meu vizinho saudita descia do primeiro andar, em direção ao seu carro e passava por cima do que eu estava a varrer sem sequer olhar para mim, voltando a cabeça para o lado oposto. Estava a tratar-me como se eu fosse invisível, como sinal de respeito para com a mulher de outro homem.

Não estava certa de que Ijaz tivesse esse tipo de respeito por mim. A nossa situação era anómala e prestava-se a mal-entendidos: eu tinha uma pessoa que me visitava à tarde. Provavelmente, pensava que apenas o tipo de mulher que se expunha a vários tipos de riscos para a sua integridade deixaria um estranho entrar em sua casa. Mas eu não era capaz de adivinhar o que ele poderia pensar. Com certeza que a Escola

de Gestão de Miami que ele frequentara, o tempo que vivera no Ocidente, tinham feito a minha atitude parecer-lhe mais normal? Agora que me conhecia, conversava de uma forma mais descontraída, cheia de anedotas sem piada das quais se ria sozinho; mas depois havia o leve agitar do pé, o estar sempre a puxar o colarinho, o tamborilar com os dedos. Eu já tinha reparado, ao ouvir a minha cassete, que esta situação estava prevista na Lição Dezanove: *Dei o endereço ao meu motorista, mas quando chegámos não havia nenhuma casa nesse endereço*. Esperava demonstrar, com a minha simpatia brusca, a mera verdade, que a nossa situação podia ser simples, porque eu não sentia qualquer atração por ele, era tão pouca que quase sentia que tinha de pedir desculpas. Foi aí que tudo começou a correr mal — a minha sensação de que tinha de provar o carácter nacional que ele me atribuíra, e de que não o deveria tratar com desconsideração ou recusar uma amizade, para ele não pensar que era por ele ser um cidadão de um País Terceiro.

Porque a segunda visita dele, e a terceira, foram uma interrupção, quase uma irritação. Sem hipótese de escolha, naquela cidade, tinha decidido apreciar o meu isolamento, acarinhá-lo. Nessa altura, estava doente e sujeita a um regime feroz de medicação, que me provocava enxaquecas com aura visual, que me deixavam ligeiramente surda e, apesar de eu sentir fome, incapaz de comer. Os medicamentos eram caros e tinham de ser importados de Inglaterra, a empresa do meu marido fazia-mos chegar por correio expresso. Isto veio a saber-se e as mulheres dos funcionários da empresa decidiram que eu estava a tomar medicamentos de fertilidade, mas eu não tinha conhecimento disso e essa minha ignorância tornava as nossas conversas peculiares e, para mim, um pouco ameaçadoras. Por que motivo estavam elas sempre a falar, nas ocasiões de sociabilização forçada da empresa, de mulheres que tinham sofrido abortos, mas que agora carregavam

no ventre um bebé cheio de vida? Uma mulher mais velha confidenciou-me que os seus dois filhos eram adotados; olhei para eles e pensei: Jesus, onde é que ela os foi buscar, ao Jardim Zoológico? A minha vizinha paquistanesa também se juntava aos arrulhos sobre a descendência que eu iria ter em breve — tinha ouvido os rumores, mas eu atribuí as indiretas dela ao facto de estar grávida do primeiro filho e de querer companhia. Encontrava-me com ela quase todas as manhãs, para tomarmos um café e conversarmos um pouco, e preferia incentivá-la a falar sobre o Islão, o que era bastante fácil; era uma mulher com estudos e com vontade em instruir-me. Seis de junho: «Passei duas horas com a minha vizinha», está escrito no meu diário, «a ampliar o fosso cultural.»

No dia seguinte, o meu marido trouxe para casa os bilhetes de avião e o meu visto de saída para as nossas primeiras férias de regresso a casa, que iriam ser daí a sete semanas. Quinta-feira, 9 de junho: «Encontrei um cabelo branco na minha cabeça.» No nosso país, estavam a decorrer eleições e ficámos toda a noite acordados a ouvir os resultados na BBC World Service. Quando apagámos a luz, a filha do merceeiro dançou no meu sonho, ao som dos acordes da marcha «Lilibulero»¹. Sexta-feira era feriado e dormimos tranquilamente até à chamada para as orações do meio-dia. Começou o Ramadão. Quarta-feira, 15 de junho: «Li *The Twyborn Affair*² e vomitei esporadicamente.»

No dia 16, os nossos vizinhos do apartamento em frente partiram em peregrinação, vestidos de branco. Tocaram à nossa campainha antes de saírem:

— Há alguma coisa que lhes possamos trazer de Meca?

¹ Marcha conhecida na altura da Guerra Civil Inglesa (1642-1649). (NT)

² Romance do escritor inglês Patrick White (Prémio Nobel da Literatura em 1973). (NT)

O dia 19 de junho deu comigo desesperada por uma mudança, a deslocar a mobília da sala de estar de um lado para o outro e a escrever: «Não ficou muito melhor.» Escrevi ainda que estava a alimentar «pensamentos desagradáveis e intrusivos», mas não digo quais eram. Descrevo-me como «cheia de calor, mal disposta e taciturna». No dia 4 de julho, já devia estar mais feliz, porque ouvi a «Eroica»³ enquanto passava a ferro. Mas na manhã de 10 de julho, levantei-me primeiro, liguei a máquina de café, e fui para a sala de estar, onde descobri que a mobília tinha estado a tentar voltar sozinha às posições anteriores. Uma poltrona estava inclinada para a esquerda, como se executasse uma dança cambaleante; de um dos lados, a base estava apoiada na alcatifa, mas do outro, um dos pés estava no ar, e mal equilibrado no bordo de um cesto de papéis pouco sólido. Perplexa, voltei rapidamente ao quarto; era o feriado do Eid, e o meu marido ainda só estava meio-acordado. Dirigi-lhe alguns sons inarticulados. Em silêncio, ele levantou-se, colocou os óculos e seguiu-me. Ficou à entrada da porta da sala de estar. Olhou em volta e disse-me sem hesitar que não fizera nada daquilo. Dirigiu-se ao quarto de banho. Ouvi-o fechar a porta, amaldiçoar as baratas, abrir a torneira do chuveiro. Mais tarde, eu disse: «Devo ser sonâmbula. Achas que é isso? Achas que fui eu que fiz aquilo?» Doze de julho: «Mais uma vez, sonho com uma execução.»

O problema era que Ijaz sabia que eu estava em casa. Como é que eu poderia ir a algum lugar? Uma tarde, deixei-o à espera no vestíbulo, enquanto ele tocava e voltava a tocar à campainha. E da vez seguinte, quando o deixei entrar, perguntou-me onde é que eu estivera. Quando respondi: «Ah,

³ Sinfonia n.º 3, em Mi Bemol Maior (*Op.* 55) de Ludwig van Beethoven. (NT)

desculpe, devia estar com a minha vizinha», percebi que não acreditou em mim e olhou-me com um ar tão desolado que senti compaixão por ele. Jeddah afligia-o, exasperava-o, e sentia saudades, disse ele, da América, sentia falta das visitas a Londres, teria de ir lá em breve, tirar umas férias. Quando é que nós íamos de férias, talvez pudéssemos encontrar-nos lá? Expliquei-lhe que não vivia em Londres, o que o surpreendeu; pareceu desconfiar que era uma tentativa de o evitar, como quando não lhe abrira a porta.

— Porque eu podia pedir um visto de saída — disse novamente. — Encontrar-me lá consigo. Sem todas estas... — apontou para as portas que pareciam tampas de caixões, para a pesada e obstinada mobília.

Nesse dia, fez-me rir, falando-me da primeira namorada que tivera, a namorada americana cuja alcunha era *Patches*⁴. Era fácil imaginá-la, atrevida e bronzeada, surpreendendo-o um dia, ao despir a camisola, abanando os seios nus na sua direção e colocando um fim à sua triste virgindade. O medo que ele sentira, o terror de lhe tocar... O seu desempenho vergonhoso... Ao recordá-lo, batia com os nós dos dedos na testa. Suponho que fiquei encantada. Quantas vezes é que um homem nos conta este tipo de coisas? Contei tudo ao meu marido, esperando fazê-lo rir, mas ele não se riu. Muitas vezes, para ser útil, aspirava as baratas antes de ele voltar do Ministério. Ele despiu a roupa e saiu. Ouvi o chapinhar da água do chuveiro. Lição Dezanove: *É casado? Sim, a minha mulher está comigo, está ali, no canto da sala*. Imaginei as baratas, escuras e a agitarem-se dentro do saco do aspirador.

Voltei à sala de jantar, onde estava a escrever um romance cómico. Era uma atividade secreta, que nunca mencionara às mulheres dos funcionários da empresa e mal mencio-

⁴ Remendos. (NT)

nava a mim mesma. Escrevinhava sob as lâmpadas fluorescentes, até serem horas de sair para ir comprar comida. Tínhamos de fazer compras entre as orações do pôr do sol e as da noite; se calculássemos mal os horários, à primeira chamada para as orações, as lojas fechavam as portadas, encerrando-nos no seu interior ou do lado de fora, sob o calor húmido do parque de estacionamento. Os centros comerciais eram patrulhados pelos voluntários do «Comité para a Propagação da Virtude e a Eliminação do Vício».

No final do mês de julho, Ijaz trouxe a família para tomarmos chá. Mary-Beth era uma mulher pequena, mas que parecia inchada sob a pele; abatida, sardenta, manca, era uma ruiva emurchecida que parecia encolhida sobre si mesma, pouco habituada a conversar. Uma filha silenciosa, com olhos que pareciam estrelas escuras, tinha sido envolta para a visita num vestido branco com folhos. Com seis anos, Saleem, que tinha uma cabeça pontiaguda, já tinha perdido a gordura de bebé e os seus movimentos eram hesitantes, como se os seus membros pudessem estalar. Os seus olhos eram vivos; Mary-Beth praticamente não me olhava nos olhos. O que é que Ijaz lhe tinha dito? Que ia levá-la a conhecer uma mulher que era um pouco como ele gostaria que ela fosse? Foi uma tarde infeliz. Só posso tê-la suportado porque estava animada por uma onda de expectativa; tinha as malas feitas para o nosso voo para casa. Um dia antes, quando tinha ido à divisão onde guardava as roupas, deparara com outra visão assustadora. As portas do guarda-roupa embutido, que eram grandes e sólidas como as outras tampas de caixão, tinham sido desencaixadas das dobradiças, colocadas novamente no lugar, mas apenas estavam presas pelas dobradiças inferiores, de tal forma que a parte superior abanava como as asas de uma máquina voadora decrépita.